Arte e cotidianidade: Propor, mediar e cartografar

Duda Gonçalves[1]

Resumo: O presente texto discorre sobre o conceito de proposição, mediação e cartografia e suas implicações enquanto idéias que orientam práticas pedagógicas do professor de artes. As concepções são repensadas a partir de atividades de ensino, pesquisa e extensão na universidade, que envolvem a experiência da arte e do cotidiano, assim como, por meio do pensamento do artista Hélio Oiticica, de Virginia Kastrup, Jorge Larrosa Bondia e Michel de Certeau.

Palavras-chave: proposição, mediação, cartografia, ensino da arte.

Com o intento de promover ações poéticas que envolvam arte e cotidianidade, tenho proposto experiências e acompanhado processos de ensino, de extensão e de pesquisa universitária. E, para isso, tenho procurado ser um professor propositor, um professor mediador e um professor cartógrafo.

O professor propositor toma como exemplo as idéias e práticas propositivas de Hélio Oiticica. Segundo o artista:

> Não se trata mais de impor um acervo de idéias e estruturas acabadas ao espectador, mas de procurar pela descentralização da "arte", pelo deslocamento do que se designa como arte, do campo intelectual racional para o da proposição criativa vivencial; dar ao homem, ao indivíduo de hoje, a possibilidade de "experimentar a criação", de descobrir pela participação, esta de diversas ordens, algo que para ele possua significado" (OITICICA,1986, p. 111).

Oiticica fundamenta a criação vivencial como uma abertura a descoberta de sentidos da arte e da vida. É importante destacar que o cotidiano, a cultura popular, as manifestações marginais tangenciaram o pensamento artístico de Oiticica. O samba, as relações sociais e a arquitetura espontânea da favela edificando trajetórias curvilíneas e errantes atravessaram o corpo de Hélio Oiticica, impregnando as obras e suas proposições. Em Penetráveis ou em Tropicália, verifica-se "uma espécie de cartografia sentimental dos locais vivenciados no Rio e, mais particularmente, no morro da Mangueira" (JACQUES, 2001, p. 82). Na obra de

[1] Eduarda Gonçalves, artista plástica, professora adjunta dos Cursos de Graduação e Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, coordenadora do projeto de extensão e pesquisa Deslocamentos, observâncias s cartografias contemporâneas, membro do Grupo de Pesquisa Percursos Poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade (CNPq/UFPel) e Veículos da Arte (CNPq/UFRGS).

Oiticica a experiência pessoal é repensada como uma abertura a experiência do outro.

Podemos tomar como exemplo as praticas reflexivas de Oiticica para desenvolvermos ações pedagógicas: propor experiências intelectivas e sensíveis, por meio de proposições criativas vivenciais que promovam descobertas significativas, ou seja, propor uma experiência que afete as sensações e pensamentos oriundos de fazeres e do imaginário habituais, os transformando em expressão artística a partir de diferentes linguagens (fotografia, pintura, vídeo, instalações, etc.). Ou seja, abrindo brechas para os afetos, ou melhor, permitindo afetar-se com as coisas do mundo e depois restituí-los e refaze-los singularmente, numa outra abordagem.

A experiência a que me refiro encontro em Notas sobre a experiência de Jorge Larrosa Bondia "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca" (BONDIA, 2002, p. 21). Uma experiência que fica! Que nos penetre retraçando nossa geografia, nossa cartografia. Encontro também, o conceito de afeto a que me refiro.

> Até aqui, a experiência e a destruição da experiência. Vamos agora ao sujeito da experiência. Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutarmos em espanhol, nessa língua em que a experiência é "o que nos passa", o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutarmos em francês, em que a experiência é *ce que nous arrive* o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como "aquilo que nos acontece, nos sucede", ou *happen to us*, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (BONDIA, 2002, p. 24)

O professor mediador é aquele que instaura um espaço de encontros singulares entre a arte, a vida dos estudantes. A arte enquanto um campo constituído pela produção dos artistas e pelas mais distintas reflexões (poética, critica, histórica, teórica). Virginia Kastrup, a partir de Jorge Latour revela que "os intermediários limitam-se a função de transportar, veicular o que se encontra nos extremos. Já os mediadores , ao contrário, participam do trabalho inventivo que te lugar no meio. São em verdade, os operadores desse trabalho. Funcionam como

conectores dos elementos ai distribuídos, reunindo-os em composições inusitadas" (KASTRUP, 1999, P. 43). A prática de mediação, no ensino, na extensão e na pesquisa, possibilita que os alunos se insiram no campo da arte e o mobilizem a partir de suas afeições. O professor cartógrafo é aquele que acompanha processos e auxilia os estudantes a traçar suas cartografias. O método da cartografia foi formulado por Gilles Deleuze e Felix Guatarri na Introdução de Mil Platôs e, como esclarece Virginia Katrup:

> (...) visa acompanhar um processo e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a idéia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas a serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer pistas tem em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (KASTRUP, 2009, p. 32).

Este método conduziu a pesquisa que desenvolvi como requisito para o doutoramento em poéticas visuais, intitulada **Cartogravista de céus: proposições para compartilhamentos.** E, vem daí meu interesse em evidenciar processos cartográficos. A pesquisa do doutorado foi desenvolvida no Pós–Graduação em Artes Visuais, do Instituto de Artes da UFRGS, orientada pelo Prof. Dr. Hélio Fervenza, de 2007 a 2011. Durante este período realizei uma *Cartogravista* de céus, ou seja, uma cartografia de vistas do céu, por meio de coletas pessoais e de partilhas com outras pessoas. A *Cartogravista* é constituída por fotografias de céus, textos sobre o céu, cartões (fig. 1), adesivos (fig. 2), em impressão fotográfica sobre *plotter* e papel de diferentes dimensões, objetos tridimensionais (Fig. 3). São apresentados e/ou distribuídos em Galerias, Museus e em espaços abertos: na rua, na praça e no campo.



Figura 1. Cartão de vista mirante



Figura 2 e 3. Adesivos com vistas do céu e pedestais

Em decorrência do trânsito em diferentes meios e espaços de apresentação, tangenciei vários conceitos, tais como: cartografia, vista de céus, proposição,

compartilhamentos. Estes conceitos são deslindados segundo suas definições no campo da arte e em outros campos do conhecimento, assim como, assinalam outros, como: desvio, paisagem, atenção, olhar, mira, observatório, cartão, coleção e arquivo. O processo que envolve o mapeamento, a coleta, o arquivamento das vistas de céu, bem como a inserção de diferentes dispositivos e os modos de circulação, revela ao mesmo tempo, os sentidos e a singularidade do trabalho e os aspectos cognitivos da criação. Pois então, na produção artística desenvolvida desde 2006 proponho que outros participem de meu processo de criação e ao mesmo tempo apontem possíveis desdobramentos poéticos. A produção de atelier é permeada pelas práticas propositivas que mediam experiências de uma cartografia singular.

Na sala de aula, **A água da Sanga**, trabalho autoral desenvolvido pelos alunos do Curso de Graduação em Artes Visuais: Licenciatura, do convênio entre FUNDARTE e UERGS é um exemplo de uma prática propositora, mediadora e cartográfica em sala de aula. Em 2006, propus aos estudantes uma experiência: atentar a paisagem do entorno. Então, numa noite fria caminhamos por algumas ruas da cidade de Montenegro, observando seus relevos, sua gente, o fluxo, a temperatura, os sons, o cheiro, as pessoas. Tínhamos como objetivo nos deixar afetar pela experiência do deslocamento. Após caminharmos nos sentamos e começamos a conversar sobre o que havíamos visto. Uma ação, que segundo Michel de Certeau, põem em prática o espaço.

> Todo o relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. A este título, tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (dobre à direita, siga à esquerda), esboço de um relato cuja sequencia é escrita pelos passos, até ao noticiário de cada dia (Adivinhe quem eu encontrei na padaria?) ao jornal televisionado (Teherã: Khomeiny sempre mais isolado...) aos contos lendários (s Gatas Borralheiras nas choupanas) e às histórias contadas (lembranças e romances de paises estrangeiros ou de passados mais ou menos remotos). Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um suplemento aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem antes ou enquanto os pés a executam. (CERTEAU, 1994, p. 183)

É praticando o espaço que podemos fazer arte e pensar sobre a arte. No atelier eu constituo um tipo de espaço físico e mental entrelaçando imagens e textos

sobre o céu que propicia um outro olhar, uma outra abordagem ao se avistar e registrar o céu. Uma experiência outra de natureza artística proposta e mediada aos estudantes de arte. Nas aulas que ministro, nos cursos de graduação, especialização e mestrado, também proponho a instauração de um espaço físico e mental que propicie outros sentidos ao ordinário. A Água da sanga é conseqüência disso, de dispositivos mediantes.

Os alunos relataram que havia em abundância espécies de plantas utilizadas na culinária – salsinha, manjerona, cebolinha em alguns jardins. Outros atentaram aos sons de rádios, televisões e conversas informais que transbordavam pelas janelas, como também, sobre os latidos dos cães acuados pelos nossos passos, as conversas de transeuntes e o ruído dos caminhantes. Muitas coisas foram atentadas e nos atravessaram. Em meio aos relatos pessoais, pude perceber que muitos indagavam sobre um riacho que antevíamos numa porção de terreno baldio, na esquina da Fundação. Todos se referiam ao córrego de água subterrânea. Havíamos visto apenas uma pequena parte de seu percurso embaixo do asfalto, sentíamos o cheiro ruim e nada mais sabíamos. O arroio submerso na esquina da rua Capitão Porfírio, tem sido pautado em várias discussões da comunidade montenegrina, uma vez que, transborda e alaga tudo a volta com as chuvas torrenciais, ilhando edificações, carros e os cidadãos. A duvida e as discussões recorrentes, nos suscitaram uma serie de indagações acerca de sua origem e de sua função. Todos queriam saber mais sobre o misterioso riacho, por isso decidimos dedicar mais atenção a ele. Resolvemos pesquisar sobre o assunto, alguns alunos ficaram responsáveis pela coleta de dados que nos permitissem desvendar a *sanga*: levantar o mapeamento de seu leito e curso na prefeitura de Montenegro, realizar entrevistas com moradores, fotografar seu curso, entre outras ações. Aos poucos fomos descobrindo que a sanga, não era uma sanga, mas um córrego de água que parte do alto do Morro Santo Antônio e que segue seu curso por baixo do asfalto até encontrar o rio Cai. Em decorrência de uma força natural nenhuma construção conseguiu estancar o fluxo, apenas diminuí-lo, por meio de canalizações precárias. O córrego atravessa a cidade e leva consigo alguns detritos, pois avistamos garrafas PET e lixo na porção visível. Não conseguimos identificar se outros canais (esgotos cloacais e águas servidas) se misturam nesta rota subterrânea. Na aula havia um aluno que era agente sanitário e questionava o mau cheiro exalado pela sanga,

assim como outros que mostravam-se preocupados com as questões ecológicas. Outros alunos, moradores da cidade questionavam-se acerca das enchentes em determinadas áreas da cidade em decorrência do desvio do curso do córrego e do afunilamento exercido pelo asfaltamento em determinadas etapas de seu percurso. Todos consideraram que seria muito instigante, se pudessem falar um pouco mais sobre a sanga por meio da arte. Então, resolvemos criar um produto chamado *Água da sanga*, um nome fantasia para o córrego. Coletamos a água (fig. 3), a engarrafamos e a rotulamos (fig. 4) com o propósito de vendê-la a transeuntes e frequentadores da Fundação, como também, promover o produto, tal qual são promovidos produtos alimentícios em supermercados (fig.5 e 6). Entretanto, ao contrário de todo produto comercial, não poderia ser consumido. O fato, oriundo de uma caminhada, promoveu debates sobre saneamento público, sobre o planejamento urbano, sobre o consumo, sobre a ecologia, etc. A partir de então, apresentei algumas produções artísticas voltadas a descoberta de significados nas práticas ordinárias, o trabalho Monumento a Passaic, do norte-americano Robert Smithson, oriundo de uma visita ao bairro em que nasceu. As cartografias abertas e experimentais produzidas pelos artistas e intelectuais da Internacional Situacionista, decorrentes de derivas pela cidade. Fração Localizada: Dilúvio, de Maria Ivone dos Santos, que mostra o resultado de uma caminhada pela orla do arroio Dilúvio em Porto Alegre, levantando os aspectos remarcáveis, buscando conhecer seu traçado original, as modificações urbanísticas e sua alteração na história da cidade.

A caminhada que desencadeou a Água da Sanga, afetou a todos e por meio desta experiência pessoal e coletiva discorremos sobre o cotidiano, áreas distintas do conhecimento (geografia, urbanismo, biologia, etc.) e sobre arte. Por fim, adentramos a condição contemporânea da arte e de todos nós.

Ao propor a experiência mediamos uma descoberta de significados, instaurando um espaço que entrelaça uma nova maneira de abordar arte e cotidianidade. E, podemos ser propositores, mediadores e cartógrafos em qualquer instância, na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio, se propusermos experiências com a casa, com os objetos, com a paisagem, o jardim, que constituam narrativas verbais e visuais que lancem um outro olhar, um outro modo de pensar... como fazem os artistas.



Fig. 3. Coleta água da sanga



Fig. 4. Água da Sanga engarrafada e rotulada



Fig. 5. Divulgação da Água da Sanga no Hall de entrada do Prédio da FUNDARTE



Fig. 6. Grupo de alunos que criaram a água da Sanga.

Referências:

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf acessado em 16 de julho de 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto.* Rio de janeiro: Rocco, 1986.

KASTRUP, Virginia. *A invenção de si e do mundo*. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas, SP: Papirus, 1999.

_____ . O Funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: ESCOSSIA, Liliana da, KASTRUP, Virginia, PASSOS, Eduardo (org.). *Pistas do método da cartografia.* Porto Alegre: Sulina, 2009.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica.* Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra/ RIOARTE, 2001.